PRODUTOR: Emissora Nacional

RDP

Nº. de referência: 2

Título: "O REINO DOS CEGOS"

Título da Série: MÍNITEATRO

Autor (obra original): SPIRAUX, ALAIN

Adaptador: FURTADO, RUI

Realizador: ESTEVES, GASTELA

Locutor: ^

Data de produção: 25/11/1975

Data de Emissão: 9/2/1976

Nº. de Episódios: 1

ACTORES	PERSONAGENS
MÁRIO SARGEDAS	1: E 3: VENDEDOR DE JORNAIS
VICTOR HUGO	2: E 4: " " JORNAIS
GOSTA FERREIRA	AXIMENE
AUGUSTO LEAL	FULGA
GILBERTO GONÇALVES	UMA VOZ NA ASSEMBLEIA
JOÃO PEARRY	CLAUDIUS
	VENDEDOR DE JORNAIS

Estado de conservação: Bom

Razoável

Mau

Tipo de Suporte:

Original Cópia

Registo Sonoro: Sim Não

Nº do Registo Sonoro:

M. Aires

(V.S.F.F.) ⇨

Notas:

- DIREC. ARTÍSTICA - MÁRIO PEREIRA

Indexação: - TEATRO RADIOFÔNICO

SERVIÇOS CRIATIVOS	
PROGRAMA N.º	PROGRAMA
DATA DE REALIZAÇÃO 25 / NOV. 19 75	EPISÓDIO DE ... / ... / ...
PEDIDO DE GRAVAÇÃO A GRAVAR EM ... / ... / ... HORA ... - ... - ...	- ... HORAS VISTO
NÚMERO DO PEDIDO DE GRAVAÇÃO	

O REINO DOS CEGOS

Um episódio radiofónico de Alain Spiraux, em tradução de Rui Furtado

PERSONAGENS:

Um VENDEDOR DE JORNAIS.....
 OUTRO VENDEDOR DE JORNAIS.....
 AXIMENE.....
 FULGA.....
 UMA VOZ NA ASSEMBLEIA.....
 CLAUDIUS.....
 UM TERCEIRO VENDEDOR DE JORNAIS ou o 1.º.
 UM QUARTO VENDEDOR DE JORNAIS ou o 2.º.
 ULTIMO VENDEDOR DE JORNAIS.....

18

O REINO DOS CEGOS

Episódio radiofônico original de ALAIN SPIRAUX, em tradução de Rui Furtado

- SINOS DOBRANDO A FINADOS. CANTICOS FUNEBRES. AMBIENTE DE EXTERIOR. FICA EM FUNDO, ATÉ AO PROXIMO SEPARADOR.

UM VENDEDOR DE JORNAIS - (Apregoando) Última hora!... Última hora!...
Morreu o Rei Varganibal!... O Reino dos Cegos está sem rei!...
Morreu o rei Varganibal!...

OUTRO VENDEDOR DE JORNAIS - (Igualmente apregoando) - O nosso bom rei acaba de morrer!... Quem irá euceder-lhe no trono?... O Conselho dos Anciãos vai reunir-se imediatamente para decidir!...

- SINOS E CANTICOS DIMINUEM DE INTENSIDADE. HÁ AINDA UM ÚLTIMO E ISOLADO DOBRE DE FINADOS, QUE PODERÁ SERVIR DE SEPARADOR, OU ENTÃO

-SEPARADOR-

- AMBIENTE DE INTERIOR. VOZES DE VARIAS PESSOAS, NÃO MUITAS, FALANDO TODAS AO MESMO TEMPO.

AXIMENE- Silêncio!... Silêncio, meus senhores!... (VOZES CALAM-SE) A hora é demasiado grave para que o Conselho dos Anciãos perca tempo em falatórios sem importância! O nosso povo espera muito de nós neste momento de crise. O Rei Varganibal morreu sem ter tido tempo de nomear um sucessor ao trono... Desde que o seu único olho com vida se fechou para sempre, todos nós, cegos, mergulhamos na escuridão de uma noite ainda mais absoluta. Sim! Agora ainda mais absoluta, pois Varganibal já não está entre nós para nos descrever como são todas as coisas do mundo que nós não podemos ver. Quando, em cada manhã, Varganibal nos descrevia na sua voz vibrante a nova alvorada nós podíamos compreendê-la através das suas palavras.

Graças a ele, nem o mais cego dos cegos estava privado do Privilégio de ver tudo quanto é possível ver-se neste mundo. Mais do que isso! Ele sabia ver mesmo até para além das coisas que são visíveis. Ai de nós, agora! Desde que ele morreu, parece-me que até o próprio sol foi sepultado...

FULGA-

(Outro ancião) - Tens razão, Aximene! É noite por toda a parte. E não apenas à nossa volta... mas também dentro de nós... no nosso próprio coração... A dúvida perturba já os nossos espíritos. Estranhos rumores começam a fazer-se ouvir em todo o reino. No Sul, afirma-se que o Sol nunca se põe e que deixou há muito tempo de haver noite... Noutras regiões dizem que o astro do dia se assemelha a um longo cilindro que pestaneja continuamente e tem uma cor azulada. Murmura-se também que algumas árvores, na altura da lua cheia, desaparecem misteriosamente para lá do firmamento. E isto ainda não é tudo! Num relatório recebido há apenas poucas horas, vai-se até ao ponto de fazer referências a entendimentos que certos cegos teriam tido com bruxos. Estes bruxos, graças a misteriosos filtros de sua composição seriam capazes de dar vista aos cegos. Tais falsos cegos poderiam governar-nos sem nosso conhecimento. Até o próprio Varganibal teria sido instrumento dócil dessas criaturas... Vós bem sabeis, anciãos, como é necessário desconfiar dos cegos que afirmam ver uma escuridão menos cerada que a dos outros.

AXIMENE-

É exactamente por todas essas razões que nós devemos anunciar aos quatro cantos do reino que o "Conselho dos Anciãos" decidiu tomar o governo nas suas mãos até que um novo rei de uma só vista possa subir ao trono.

-SEPARADOR-

UM VENDEDOR DE JORNAIS- (Apregoando) - Última hora! Última hora! A crise governamental vai ser vencida. Cláudius um estrangeiro que só vê de uma vista foi recebido pelo "Conselho dos Anciãos"... Ficou decidido por maioria elegê-lo rei

do País dos Cegos! Cláudius 1º. será sagrado dentro de dias!

OUTRO VENDEDOR DE JORNAIS- (Apregando) - Traz todos os pormenores sobre o novo rei Cláudius!... A história da sua vida contada em exclusivo! As circunstâncias trágicas em que eme perdeu a sua gista direita! Cláudius deseja casar-se com uma jovem cega!...

-SEPARADOR-

AXIMENE- A partir de amanhã, a situação estará normalizada. A Providência concede-nos um novo rei, e aqueles que esperavam aproveitar-se da crise para criar o caos serão vítimas de si próprios. Creio que Cláudius será um bom rei. Causou boa impressão em todos nós. É jovem, dinâmico e parece ver muito longe com o seu olho direito... Saberá trazer a felicidade ao nosso povo, sem abusar do seu privilégio de possuir um olho válido.

FULGA- Aximene, eu não quero perturbar a alegria dos Anciãos, de que vós sois o porta-voz. Mas é preciso que todos saibam que o povo manifesta um certo nervosismo. Murmura-se, e sobretudo nos subúrbios reina uma certa desconfiança. As pessoas admiram-se de nunca até agora terem ouvido falar desse tal Cláudius. De onde vem este novo rei? interrogam-se entre si. Com efeito, não foi assinalada a sua entrada em qualquer posto fronteiriço. Este mistério inquieta...

AXIMENE- É necessário acalmar rapidamente os espíritos. Qualquer incidente que pudesse verificar-se no próprio dia da sagração teria graves consequências. O povo deve ser inteiramente esclarecido. De outra forma, pensará que nos aproveitamos da sua ignorância. Assim, meu caro Fulga, ponde em acção os vossos melhores informadores, a fim de que nenhum pormenor da vida de Cláudius nos seja desconhecido. Mas que eles sejam discretos, absolutamente discretos. E sobretudo que actuem rapidamente. Há a maior urgência.

FULGA- A partir de amanhã, eu estarei em condições de revelar acerca de Cláudius até aquilo que talvez ele próprio ignorará a seu respeito.

-SEPARADOR-

AMBIENTE DE REUNIÃO

AXIEMENE- (Gritando) - Silêncio! Silêncio! Fulga vai fazer-nos revelações da mais alta importância. Se algum mistério existir ainda quanto à personalidade do nosso futuro rei Cláudius, ele ficará esclarecido logo que Fulga acabe de falar.

FULGA- O que acabais de dizer, Aximene, aumenta ainda mais o meu embaraço. Não penso que a curiosidade de cada um dos Anciãos fique satisfeita hoje. Bem pelo contrário, o mistério adensa-se e os últimos relatórios dos meus informadores não fazem qualquer luz sobre ele.

RUMOR NA ASSEMBLEIA - PROTESTOS

AXIEMENE- Por favor, meus senhores! Deixemos que Fulga se explique.

FULGA- Os relatórios que tenho em mãos mostram-se o mais contraditórios possível. No que respeita ao aspecto físico de Cláudius, todas as indicações concordam perfeitamente. É alto, espadaúdo, de porte elegante. Os seus cabelos, cumpridos, são de um louro muito claro. Muitos dos meus informadores atestam uma cicatriz na face esquerda. Esta descrição corresponde perfeitamente ao que ele próprio nos disse a seu respeito...

AXIEMENE- Adiante! Adiante! Vamos ao que interessa! Em que reside o mistério? Cumpriu alguma vez pena de prisão?... Não é verdade que ele se tenha comportado como um herói nos campos de batalha, onde me disse ter perdido um olho? Julgo, portanto, que se trata de um meio cego absolutamente digno!

FULGA- Justamente o que nenhum dos relatórios indica é que ele seja cego de uma vista...

FA/

- AXIMENE- Quereis dizer que é um cego total? Bem sabemos que no passado indivíduos inteiramente cegos, aproveitando-se da cegueira de todos nós têm tentado usurpar o trono, fazendo-se passar por cegos de uma só vista. Mas tal impostura nunca durou muito tempo. É este o caso?
- FULGA - Em metade dos relatórios recebidos ele é descrito como tão cego como o mais cego de todos nós. Terá chegado até aqui integrado num grupo de emigrantes vindos dos Antípodas. Mas... em outros relatórios... (Suspenda a fala)
- AXIMENE - (Impaciente) Falai de uma vez, Fulga! A vossa língua parece hesitar como se ela própria se tivesse tornado cega. O "Conselho dos Anciões" deve saber tudo!
- FULGA - Outros relatórios, tão categóricos como os primeiros, afirmam que Claudius não é nem cego de uma vista nem totalmente cego ... e que vê tão bem de um olho como da outra. (Murmúrios na Assembleia)
- AXIMENE - Estranho!... Quer dizer que nenhum dos relatórios deixa presumir que Claudius tenha falado verdade! Cego ou apenas meio cego, ele mentiu-nos...
- UMA VOZ NA ASSEMBLEIA- Claudius não pode tornar-se nosso rei! Nós não queremos ser governados por um mentiroso, um impostor!
- FULGA - Como podemos reagir de outra maneira, Aximene? Se claudius foi capaz de mentir aos Anciões para se fazer aclamar rei do País dos cegos, não deveremos pensar que igualmente nos minta em outras ocasiões, de cada vez que o seu próprio interesse lho aconselhar?
- AXIMENE - Calma! Calma! Não nos apressemos a tirar conclusões, sobretudo baseando-se apenas em relatórios de agentes de informação. Pelos resultados que eles apresentam, verifica-se que por menos a metade de entre eles se enganou. Reconhecei-o! E os outros? Dirão eles a verdade? Não terão sido iludidos? Em última instância, é a nós que compete esclarecer este assunto.

- FULGA - Se Claudius é completamente cego, não abusará de nós durante muito tempo. Nós dispomos de meios para desmacarar aqueles que são cegos dos dois olhos. Mas se, pelo contrário, e isto é o meu informador que me diz, ele não padece de qualquer defeito da vida, quais serão as suas intenções? No reino dos cegos só quem tem um olho é rei.
- AXIMENE - Ninguém pretende negá-lo, Fulga. Desconfiemos, no entanto, das ideias preconcebidas. Elas obscurecem o nosso raciocínio. Não imagineis, porém, que eu pretendo introduzir emendas, na nossa constituição. No entanto, afirmo que não basta ser cego de uma vista para ^{ser} rei na terra dos cegos. Direi mesmo que alguns totalmente cegos serão mais competentes para reinar do que aqueles que vêm perfeitamente dos dois olhos...
- FULGA - Não nos afastemos do assunto, Aximene. Não é altura para filosofias. Claudius pareceu-nos possuir todas as qualidades que fazem os grandes reis. Mas se ele nos mentiu... tudo se torna diferente.
- AXIMENE - Desde quando a sinceridade, a franqueza, o respeito pela palavra dada se reputam como fazendo boa aliança com a política? ^{em} Reclinai-vos sobre a História e constatareis que todos os grandes homens de Estado têm feito pouco caso da sinceridade. Devo reconhecer que me aborrece bastante que Claudius tenha mentido. Mas devemos nós rejeitá-lo unicamente por esta razão?
- FULGA - Curiosa concepção do ofício de reinar, Aximene!... Como todos os anciãos por testemunhas. Vós vereis, mais tarde, Por agora, solicito à Assembleia que Claudius seja ouvido. Assiste-lhe o direito de se defender.

AXIMENE- Absolutamente! E em nada me contraria que Claudius tenha de sujeitar-se a esta primeira prova antes mesmo de subir ao trono. Teremos não só a oportunidade de avaliar as suas qualidades como de lhe fazer compreender que o "Conselho dos Anciãos" não é uma entidade simplesmente decorativa. Varganibal reinava mas eram os Anciãos quem governava. Ele era a vista de todos nós mas nós eramos o seu cérebro. Neste aspecto, ele foi um grande rei.

FULGA- Vós evocais demasiadas vezes o passado, Aximene. Como se o passado fosse um lençol onde quereis envolver tudo! Um lençol?... Que digo eu?! Um sudário! Mas pensai todos, Anciãos, e pensai bem, nós estamos no alvorecer de uma nova era!

-SEPARADOR-

ASSEMBLIA DOS ANCIÃOS: RUIDO DE AMBIENTE.

AXIMENE- Silêncio, Anciãos. Claudius vai falar. (FAZ-SE SILENCIO)

CLAUDIUS- Sábios Anciãos, vós cuja inteligência brilhante ilumina os vossos olhos sem luz, vós que sois o garante da sobrevivência do Reino dos Cegos, vós que me haveis escolhido a mim, Cláudio, não para ser o vosso monarca mas para vos servir de rei, aqui me tendes na vossa presença, em inteira humildade, para responder às vossas perguntas. Não torçais de me pôr algumas delas porque a minha resposta já as precedeu. Sei que já foi feito um inquerito a meu respeito. É inútil que me leiam as informações dos vossos agentes. Não ignoro que uns afirmam que eu sou totalmente cego e que outros deixam entender que não o sou. Imagino a vossa perplexidade. Ter-vos-eis interrogado: será ele tão cego como nós? Ou será dotado de vista em ambos os olhos? Pois bem. Eu vou naturalmente espantar-vos, mas posso afirmar-vos que os vossos espiões não fizeram mais do que relatar, todos eles, factos reais. Devo acrescentar que a contradição não é mais do que aparente.

AXILMENE- Falas por enigmas, Cláudio. Que pretendes dizer?

FULGA- Os meus informadores tinham razão. Estamos perante um impostor. Tens obrigação de nos revelar a verdade, Cláudio, toda a verdade.

CLAUDIUS- (Rindo) - Não tenho a intenção de abusar da vossa cegueira para vos mentir. Cingir-me-ei aos factos. Evidentemente, eu poderia fazer-me passar por cego de uma vista. Esse é o sonho de muitos. Desde que se diz que na terra de cegos quem tem um olho é rei, todos aqueles que não vêm de uma vista imaginam que têm uma coroa real na algibeira. Sabeis vós, homens eminentes do país dos cegos, que representais uma consolação, uma esperança para o Mundo inteiro? Nos países onde vivem aqueles que vêm de ambos os olhos, todos os infelizes e até mesmo os que não conseguiram alcançar um lugar de destaque na grande luta da vida, todos eles dizem para si próprios que se conseguissem ser cidadãos num país de cegos se tornariam pessoas importantes e respeitáveis. "Na terra dos cegos quem tem um olho é rei". Garanto-vos, senhores: se a terra dos cegos não existisse, era preciso inventá-la. Ela é a Jerusalém de todos os infelizes, de todos os diminuídos, dos meios cegos de todos os géneros.

AXILMENE- Não há dúvida que tu sabes mostrar-te eloquente. Já nos demos conta disso...

FULGA- Verborreia demagógica! Como rei, ele deve convir-vos a vós Aximene. Mas há outros de nós que estamos aqui esperando algo mais do que discursos. Queremos respostas concretas às nossas perguntas...

CLAUDIUS- Pois vou dar-vos-las. Há cinco anos, eu era um homem como os outros no País onde vivia. Desfrutando de uma vista tão perfeita, que podia gabar-me dela. Mas que me permitia ela contemplar? Mais fealdade do que beleza. Mais tristeza do que alegria. Eu tinha vindo da guerra, onde me batera por ideais nobres. Mas os homens apressaram-se a

traí-los logo que a paz foi estabelecida. Sonhando ainda com o ideal, vi que se riam na minha cara. À minha volta não via mais do que traição, desinteresse, mesquinhez. O mundo marchava cada vez mais rapidamente. Mas para onde? Desvairadamente para a perdição! Então posei os meus olhos nos olhos de toda essa gente... e nada vi neles... a não ser uma imagem deformada, do mundo. Mais exactamente, devo dizer a imagem de um mundo deformado. Enojado com os que me rodeavam, pensei primeiro em dar cabo de mim, depois em retirar-me para um mosteiro... Enfim, de desilusão em desilusão, resolvi tornar-me num falso cego mendigando a minha subsistência à porta das Igrejas...

FULGA- (NUMA EXPLOÇÃO) - O bom rei que nós íamos ter na pessoa de Claudius! Um mendigo!...

AXIMENE- Varganibal era um bufarinheiro, e entre aqueles que o precederam no trono deste reino, houve um estivador, um cantor ambulante e até um marroco! Vós tornaste-vos bastante exigente, Fulga... Continua, Claudius... Que aprendeste tu com esse modo de vida?

CLAUDIUS- Bem mais do que os numerosos falsos cegos que não se escondiam de mim. Esses não faziam mais do que pensar na exploração das pessoas caridosas. Eu, escondido nos meus óculos de vidro fumado, observava a multidão dos que estão convencidos de que vêem mais de que um palmo adiante do nariz. Assim, enquanto estendia a minha bandeja das esmolas, o mundo patenteava-se-me de uma maneira em absoluto diferente. Menos puro e mais verídico. Sem dúvida da mesma maneira como vós o vedes, por detrás das vossas pálpebras cerradas, vós, os cegos.

FULGA- (ENCOLERIZADO) - Isso não invalida que vós tivésseis tomado o lugar dos verdadeiros cegos, gente pobre à qual roubáveis o seu pão quotidiano. E isso é uma fraude...

CLAUDIUS- (IRRITADO) - Quem pode gabar-se, neste mundo, de não estar a roubar o lugar de qualquer outro? O fruto que nós levamos à boca poderia ir alimentar um outro mais esfo-meado do que nós. E cada instante de felicidade não vem muitas vezes acompanhado de um remorso? É verdade! Ocupi o lugar de um cego. Mas também vivi a sua vida, conheci as suas mortificações, suportei como ele a zombaria dos outros ou, pior ainda, a sua piedade. Agora pergunto-vos, sábios anciãos deste Reino haverá melhor aprendizagem para o cargo de rei dos Cegos?

FULGA- E a tradição nada conta para vós?!... Será preciso repetir-vos que no reino dos Cegos...

AXIMENE- (Interrompendo) É inútil, Fulga... Toda a gente aqui sabe...

FULGA- Claudius não esconde que foi tanto falso cego como falso semi-cego. Para mim, portanto, ele nunca poderá ser mais que um falso rei.

BURBURINHO NA ASSEMBLÉIA

AXIMENE- Silêncio! Silêncio! Não nos deixemos arrastar pela violência das nossas paixões. Temos um grave problema a solucionar, uma difícil prova a vencer. Pessoalmente, eu sei que questões quero pôr a Claudius. Primeiramente, perguntar-lhe: "Claudius! Queres tu, em verdade, tornar-te nosso Rei?"

CLAUDIUS- (Após uma hesitação) Sim... Sim... quero ser rei do País dos Cegos para que eles possam ver através dos meus dois olhos...

FULGA- Muito bem! Mas deixai-me continuar, Aximene! Nós, cegos, não somos tão exigentes. Para conduzir o nosso futuro, basta-nos um só dos vossos olhos! Um só! Até porque nós temos, repito-o, uma tradição de séculos a respeitar... É eis o que eu proponho, escuta bem... Para te tornares

nosso rei, aceitarias sacrificar a tua vista direita ou a tua vista esquerda? Aceitaria's, Claudius?

CLAUDIUS- (Petrificado) - Bem... não sei... mas porquê?

UMA VOZ NA ASSISTENCIA- Bravo!... Bravo!... Excelente ideia!... Que Claudius fique cego de uma vista ou que se vá embora! (APLAUSOS)

AXIMENE- Claudius! A atitude desta assembleia demonstra-te muito claramente que tu não poderás ser rei do País dos Cegos a não ser que percas um dos teus olhos. Não há outra maneira de resolver este problema.

CLAUDIUS- Mas será isso realmente indispensável? Ter um rei cego de uma vista não será o pior que vos pode acontecer? Por que motivo, a não ser a tradição, não podereis vós ter um rei que veja perfeitamente dos dois olhos? Um simples provérbio pode constituir a base da Constituição de um País como o vosso? "Na Terra dos Cegos quem tem um olho é rei". (EM AR DE MOFA) Aquele que disse isto pela primeira vez...

AXIMENE- Nunca perguntaste então a ti próprio porque razão os cegos escolhem sempre um homem com uma só vista para reinar sobre eles? Pois vou explicar-te! Um homem cego de uma vista compreende melhor os cegos porque também ele vive em angústia. Tem medo! Medo de perder a única vista que lhe resta. Sente-se ameaçado. Se nós, os cegos totais, nos sentimos mergulhados numa noite absoluta, os cegos de uma só vista vivem no crepúsculo. Tu, que experimentaste mendigar a tua subsistência fazendo-te passar voluntariamente por cego, devias compreender isto...

CLAUDIUS- Seja... Mas um sacrifício dessa natureza... inutilizar voluntariamente uma vista...

FULGA- (NUM TOM ADOCIDADO) - Uma pequenina intervenção cirúrgica. Sem perigo algum. Nem sequer sentireis dores, pois sereis anestesiado se o quiserdes... E não vos esqueçais, Claudius, que a vossa atitude será muito apreciada pela opinião pública...

AXIMENE- Pensa, Claudius, na repercussão que tal notícia terá em todo o reino e até mesmo no estrangeiro. Um sacrifício, sim, mas que te trará a veneração de todo o teu povo. Ainda em vida, entrarás na Lenda. Repara! Será mais do que um rei que nós vemos em ti.

FULGA- (LIGEIRAMENTE IRÔNICO) - Dar uma vista, apenas uma vista, Claudius, por um trono não é pagar demasiado. E para mais, que necessidade tens tu de ver dos dois olhos? Dois órgãos para uma só função... A natureza é por vezes demasiado pródiga...

AXIMENE- Claudius! É agora, neste preciso momento, que tens de tomar a tua decisão. Amanhã já seria demasiado tarde. O povo recusar-te-ia e exigia-nos que encontrássemos um outro rei.

CLAUDIUS- Bem... Acedo... embora com a morte na alma. Ides fazer de mim um Ciclope... Mas é uma razão de Estado... Portanto... Não é que eu tema a dor física... Mas exijo ser anestesiado devidamente... E quem se encarregará da operação?... Serão tomadas as devidas precauções?

AXIMENE- Não correrás qualquer risco, Claudius. Nós não queremos fazer sofrer o nosso rei. Os nossos melhores cirurgiões serão postos à tua disposição.

-SEPARADOR-

1º. UM VENDEDOR DE JORNAIS- (Apergoando) Última hora! Uma notícia sensacional! O grande Claudius concorda perder um olho para se tornar rei do País dos Cegos!

2º. UM OUTRO VENDEDOR DE JORNAIS- O "Conselho dos Anciãos" encontra-se reunido desde esta manhã para decidir se deve ser sacrificada a vista esquerda ou a vista direita! Tornar-se-à necessário recorrer a um referendo? Desacordo profundo entre os cirurgiões...

3º. UM TERCEIRO VENDEDOR DE JORNAIS- Surgiram discordâncias entre os Anciãos. Fulga critica violentamente a política de Aximene e ameaça demitir-se! A operação poderá efectuar-se já amanhã?

UM 1º. VENDEDOR DE JORNAIS- Contestação nos meios estudantis. A juventude não quer para rei um ex-mendigo e falso cego. Entretanto, a operação está prevista para hoje...

-SEPARADOR-

2º. VENDEDOR DE JORNAIS- Última hora! Última hora! Notícias sensacionais! A operação não foi bem sucedida, por motivos que até este momento se ignoram! Está imminente a prisão dos cirurgiões!... Claudius perdeu os dois olhos! O Reino dos Cegos é beira da revolução!

-SEPARADOR-

(Ambiente)

AXIMENE- (Em voz Grave) - Tragam Claudius sem demora...

CLAUDIUS- Eis-me aqui uma vez mais diante de vós. Agora tão completamente cego como vós o sois. Não vejo absolutamente nada! Mergulhado numa noite que me parece ainda mais negra do que a vossa. Já gritei, já urrei tanto que nem sequer tenho forças para manifestar a minha cólera... nem o meu ódio... Já nada sinto... Estou petrificado como um bloco de gelo. Cego entre os cegos, como posso eu agora governar o vosso reino?... Estou inutilizado... Terei de aprender tudo de novo... a andar... a alimentar-me... a viver...

FULGA- (ZOMBETEIRO) - Estais a pintar o quadro demasiadamente negro... E a vossa experiência de falso cego? Ela deve poder servir-vos agora de ajuda...

AXIMENE- (ARREBATADO) - Vós sois demasiado cruel, Fulga! Tínhamos prometido a Claudius fazer dele um rei e não um mártir!

FULGA- (SECAMENTE) - Envanámo-nos, Aximene! Os mártires tornam-se cada dia mais raros Claudius será glorificado como tal! Mas ele deverá compreender que se um mártir pode ser jungido ao carro do Estado não tem por isso condições para o conduzir. Há uma pequena diferença... Tranquilizai-vos, Claudius, nós vamos venerar-vos,

erigir-vos estátuas, dar o vosso nome a ruas e avenidas... Mas está fora de questão que sejais o nosso rei... Escolhêdo para mártir do antigo regime, não podeis suceder a Varganibal...

AXIMENE- (INQUIETO) - Antigo regime?... Que quereis dizer com isso?... de qualquer forma, a questão mantém-se de pé. Quem ocupará o trono vago de Varganibal?...

FULGA- (EM ATITUDE SUPERIOR) -Ninguém! Varganibal foi o último rei de um só olho na terra dos cegos. Não haverá mais nenhum. A partir de agora, os cegos vão tomar nas suas mãos o próprio destino. Eles saberão, por si mesmos, assumir as responsabilidades da sua governação. Sim, Aximene. O Conselho dos Anciãos pronunciou-se já por esmagadora maioria a favor desta minha linha política. Nós não podemos fazer uma Alteza Real de um qualquer estrangeiro que, por ter uma vista a menos, até no seu próprio País não é considerado um homem inteiramente válido. Concedem-lhes pensões, têm por eles todos os cuidados e atenções mas não deixam de considerá-los diminuídos físicos. E é entre estes homens que nós vamos escolher quem deve governar-nos! É irrisório! Mas felizmente os tempos mudaram...

AXIMENE- (AMARGAMENTE) - Quer dizer que até na terra dos cegos um homem sem um olho pode ser destronado? Curiosos tempos que nada respeitam. Que mais estará para nos acontecer?

FULGA- Sossegai, Aximene. Eu e os meus correligionários já pensámos em tudo. Homens vendo perfeitamente das duas vistas ou apenas de uma há-os em abundância por toda a parte. Bastará oferecer-lhes um bom salário para os ver surgirem de todos os lados. Mas a nenhum de entre eles será oferecido um posto de responsabilidade! A partir de hoje, no reino dos cegos, os homens que disponham apenas de uma vista não serão mais do que subalternos. Assim nós, os totalmente cegos, retomaremos a nossa dignidade.

AXIMENE- Mas isso é a loucura! É pura demagogia fazer acreditar aos cegos que eles poderão aguentar-se durante muito tempo como patrões e mestres daqueles que têm vista. Vós ides, por vossas próprias mãos, introduzir o verme dentro do fruto. Servindo-se da nossa cegueira, aqueles que têm vista aproveitar-se-ão para se unir,

se organizar. E um dia tomarão eles o poder! Nessa altura tornar-se-ão os nossos déspotas, os nossos tiranos! Conduzir-se-ão como ditadores e não verão em nós mais do que pobres doentes. Pior do que isso! À custa de no-lo repetirem acabarão por convencer-nos a nós próprios! Que restará então da nossa dignidade? Pergunto-vos, Fulga, a vós que quereis tomar a chefia do movimento revolucionário... Foi por uma preocupação de dignidade que ordenaste aos cirurgiões **para matilarem** Claudius?

FULGA
AXIMINE

- Quis fazer dele um mártir...
- E tornaste-o um inutilizado... que futuro todos nós iremos ter... pela primeira vez na minha vida tomo consciência de que não passo de um diminuído, um inútil.

FULGA

- É lamentável para vós! Um inútil não pode pretender seguir uma carreira política...

AXIMINE

- Não é isso que me importa! Pergunto a mim mesmo quem a partir de agora me descreverá o desaborchar da Primavera... A beleza de uma noite de luar... A côr de um fruto exposto ao sol...

FULGA

- Não compreendeste coisa alguma, Aximine. Vós sois um homem do passado, fechado às ideias novas. Mas reflecte! Que necessidade temos nós os cegos, de conhecer o mundo tal como ele se apresenta àqueles que têm vista? Esse não é o mundo para nós!... Vejamos... o sol... Os cegos procurarão novas definições que sirvam a eles próprios... sol será calor... Que ele seja vermelho ou pálido, que poderá isso interessar-nos! Fica a cada cego o direito de criar o seu próprio universo, um universo em que ele verá o que lhe agrada ver, um universo que ele poderá explorar à sua vontade... e mesmo reinventá-lo, se o desejar.

- AXIMENE - Então... Se eu vos disser que o sol tem a forma cúbica e é tricolor, vós acreditais-me?
- FULGA - Sim, Aximene. Mas acreditarei também naqueles que dirão que ele se assemelha a um losango e que é de cor azul. Da mesma maneira que naqueles que imaginarão que as folhas das árvores são esféricas, os ventos coloridos, que as árvores se passeiam aos pares, de ramos entrelaçados, que o luar é musical... que sei eu? As coisas terão todos os aspectos que nós quisermos... Até aqui, os nossos reis não nos deram senão um reino de nostalgia, de nostalgia de um mundo que não era o nosso...
- AXIMENE - Mas existe uma verdade, Fulga, uma verdade repetida de boca em boca desde há milénios por aqueles que têm vista...
- FULGA - Mas que não é a nossa verdade... Para nós, É uma verdade de empréstimo. Cedêmo-la àqueles para quem pode ter proveito. Talvez que para os cegos tenha nascido agora a vida. Os nossos jovens e as nossas crianças hão-de escrevê-la e imaginá-la. Mergulhados na escuridão aí hão-de procurar a luz. É aí que ela Brilha para nós, Aximene. É aí! O Universo dos que dispõem da vista não é mais do que uma lenda para os cegos. Exilados da luz, iremos finalmente aportar à terra da nossa verdadeira Pátria! Amanhã começaremos a explorá-la. E no reino dos cegos, os cegos serão finalmente reis!

- Musica triunfal -

F I M